

“A qualidade da saúde dos trabalhadores na América Latina é um grande enigma para o grande público. E o trabalho causa muitas doenças e morte”, explica a documentarista, lembrando que se fala muito das diminuições das taxas de emprego no país, mas nunca na qualidade dos empregos criados.

MAIS PRODUÇÃO COM FOCO NO TRABALHO

“Nunca houve na história do cinema um período onde o trabalho não fosse retratado, seja na ficção ou na produção documental. O que é interessante observar é que em um período muito curto – a partir da década de 1980 – a morfologia do mundo do trabalho mudou completamente. O trabalho é cada vez mais precário, ou como alguns preferem dizer, mais ‘flexibilizado’. E isso se reflete no cinema”, explica Roberto Della Santa Barros, pesquisador da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no Paraná.

Um bom exemplo é o filme *Segunda-feira ao sol*, ficção do cineasta espanhol Fernando Aranoa (2002), que parte de imagens documentais para criar uma história sobre a precariedade e o desemprego de trabalhadores espanhóis após uma empresa se mudar para outro país – similar ao que acontece na China de Bing. Novamente o tema mostra como as fronteiras financeiras são mais móveis que as fronteiras impostas aos trabalhadores.

“A liberdade apregoada pela propaganda, de que a globalização é algo que traz uma maior mobilidade – uma palavra muito recorrente atualmente – só é verdade do ponto de vista da mercadoria”, aponta Barros.

“Os movimentos humanos – como os trabalhadores africanos indo para a Europa – não são bem vistos. Talvez por isso os sentimentos nacionalistas, xenófobos, movimentos anti-imigração, estão cada vez mais presentes também.”

Nesse ponto, diz o pesquisador, o documentário poderia ser considerado uma forma de resistência – e também de memória – a essas mudanças que ocorrem no mundo todo. “É interessante observar que o tema não está presente apenas no cinema que podemos considerar mais crítico, e que faz o contraponto à história oficial. O cinema comercial também já está sensível a essa questão”, diz Barros.

Entre esses filmes mais comerciais é possível lembrar de *Beautiful*, do diretor Alejandro González Iñárritu (2010), indicado ao Oscar este ano, que também fala dos trabalhadores e imigrantes ilegais (aqueles que enfrentam as fronteiras impostas). E o francês *Bem-vindo*, de 2009, de Philippe Lioret é um retrato delicado e preciso sobre a situação de xenofobia presente hoje, principalmente nas cidades de fronteira, no caso do filme, o porto de Calais, passagem para oportunidade de uma vida melhor na Inglaterra para imigrantes do Leste Europeu e Ásia.

O mundo do trabalho permanece em ebulição. Entender o que acontece na China, no México ou na Europa também é uma forma de entender e fazer paralelos com as realidades locais. O mundo é cada vez mais diferente e, paradoxalmente, também cada vez mais igual em seus problemas e oportunidades.

Enio Rodrigo Barbosa

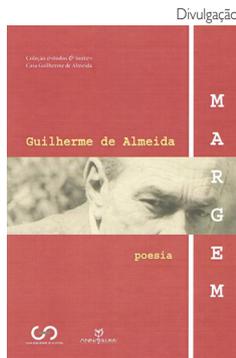
LITERATURA

LIVRO COM POESIAS INÉDITAS DE GUILHERME DE ALMEIDA É LANÇADO

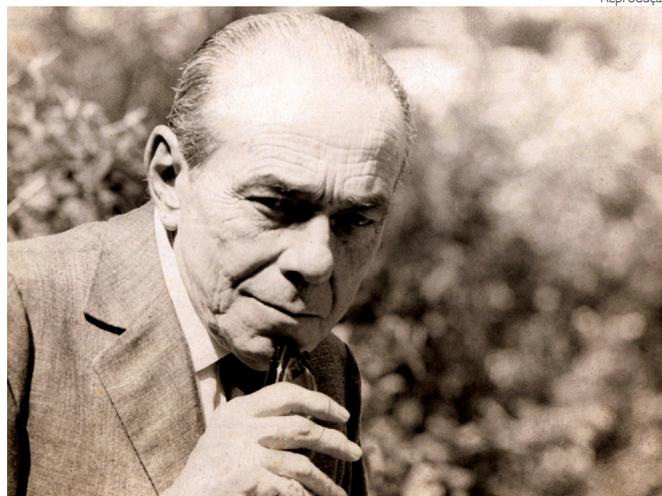
Talvez seja difícil para a geração atual, cada vez mais mergulhada na transitoriedade e na especialização, entender um intelectual como o paulista Guilherme de Almeida, tradutor, jornalista advogado e poeta. Com esse feixe de talentos, transitou em diversas áreas, sempre com entusiasmo, com paixão. Foi também um dos mentores do movimento modernista brasileiro com uma atuação decisiva na realização da Semana de Arte Moderna, ao lado de nomes como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti e Menotti del Picchia. Envolveu-se na Revolução Constitucionalista de 1932, o que lhe rendeu a prisão e o exílio em Portugal e ainda lhe deu fama de conservador. Nada mais equivocado. Não seria exagero dizer que Guilherme de Almeida foi o mais moderno dos modernistas. Sempre buscando dialogar com as vanguardas, o “Príncipe dos poetas brasileiros” também passou por diversas outras áreas: tradução, jornalismo, artes gráficas, teatro, cinema, música e até televisão.

O poeta morreu em 1969 deixando um conjunto de poesias inéditas. Como alguém que se prepara para

partir, os poemas foram cuidadosamente datilografados e envolvidos em uma capa feita de cartolina. O esboço de livro chegou às mãos do também poeta Marcelo Tápia em 2009. Ele, como diretor da Casa Guilherme de Almeida, com sede na capital paulista, providenciou a publicação seguindo à risca o formato sugerido pelo autor. O livro *Margem* foi publicado no final de 2010 pela Editora Annablume com prefácio escrito por Tápia e posfácio do poeta e linguista Carlos Vogt. Os pequenos poemas soam como constatações. Como um observador que olha ao acaso, da margem de um rio, da margem da vida, Guilherme de Almeida tenta captar o instante, o poema-instante, como lemos na poesia que abre o livro. Chama a atenção a leveza e o frescor do texto. Mesmo com quase 80 anos, o poeta não de-



Capa do livro *Margem*, publicado em 2010, do poeta Guilherme de Almeida, um dos nomes da Semana de 22



monstra nostalgia ou saudade pelo que se foi. Prefere cantar a vida, mesmo quando fala do que já passou: “alva, lívida, ávida ave da vida havida!”.

POEMAS PARA VER A visualidade é um aspecto importante para o poeta. Ao longo de sua vida ele sempre demons-

trou interesse pela imagem. Ajudou a fundar a revista *Klaxson*, porta-voz do movimento modernista, criou a capa do periódico e também fez anúncios publicitários na revista. A capa do livro *Margem* também foi concebida por ele: antecipa o sentido da palavra e joga as letras para a vertical, na margem da página.

A busca da síntese está presente em toda sua obra e também em *Margem*. “É uma procura constante e radical de economia de elementos, combinada à densidade de significação”, escreve Marcelo Tápia no prefácio do livro. “Ele se distingue pela brevidade, pela concisão, consegue dizer muito com poucas palavras”, diz Tápia. Sua poesia se aproxima do *haikai*, poema de origem japonesa que chegou ao Brasil no início do século XX e que privilegia a brevidade e a forma. Assim como os *haicais* buscam criar uma imagem na cabeça do leitor, os poemas de *Margem* são atalhos para um salto da margem e mergulho imaginação adentro.

ESTUDOS SOBRE O SILÊNCIO



A simplicidade plena de significados também está presente na poesia de Mariana Botelho, mineira de Padre Paraíso, no Vale do Jequitinhonha, que teve seu primeiro livro - *O silêncio tange o sino* - publicado no final do ano passado pela Ateliê Editorial. Seus primeiros versos publicados na revista *Ciência & Cultura* (Vol.61, no.2, 2009), quando o poeta Carlos Vogt conheceu seu trabalho. É dele o prefácio do livro, “obra que reúne poemas de uma extrema e extremada delicadeza, a se refletir, desde logo, no título,

que por si só, evoca povoados e montanhas intermediados pela sonoridade pungente dos silêncios que povoam seus espaços”.

O silêncio e a paisagem são os temas escolhidos por Mariana neste livro de estreia. Registra estados emocionais diante da imensa paisagem mineira, a um só tempo inóspita e acolhedora, como alguém que aprendeu a “tirar silêncio das coisas”. Com seus poucos 26 anos, Mariana Botelho já se mostra pronta para extrair a poesia do silêncio, da paisagem e da vida.

Patrícia Mariuzzo